

OS REVOLUCIONARIOS DE 1820.



José Pedro Cardoso e Silva, membro do conselho militar na noite da revolução

general Sepúlveda e depois Melo e Castro.

Dentro em pouco, quem mandava na conjura, ou antes, aqueles a quem todos obedeciam, eram Fernandes Tomás e Silva Carvalho. Debatia-se a questão do rei; falava-se em destronar D. João VI, que deixara o país e vivia atormentado pela intriga na sombra dos cajueiros coloniais. Mas quem sucederia? Acaso se podia pedir a um rei, que se escoraçava, um filho para reinar?! Lembraram-se, então, do duque de Cadaval. Não sabemos se alguém falou nisso ao duque, que estava também no Rio de Janeiro. É certo, porém, que largou do Brasil para Portugal em 1819.

Era preciso fazer a revolução. José da Silva Carvalho veio a Lisboa, mas regressou ao Porto profundamente desanimado, porque, nestes momentos



José Leite de Berredo, tenente-coronel da polícia do Porto e membro do conselho militar da revolução

Os ingleses dominavam em Portugal com o ar de quem defendia a nação. O espírito absolutista predominava. Tinha sido morto Gomes Freire. No Campo de Santana tinham expirado os mártires. Era necessário ter audácia para libertar o país não só do domínio de Beresford mas também do esmagamento a que o levavam os regentes subordinados aos britânicos.

Fernandes Tomás tivera a ideia dum movimento revolucionário em 1818. Falara com Ferreira Borges e deliberaram formar uma sociedade secreta que conseguisse levar a cabo a revolução. Eram, em janeiro, apenas dois; apareceram mais dois, Silva Carvalho e Ferreira Vieira. Faltava-lhes um militar. Aliciaram para a sua causa o



António da Silveira Pinto da Fonseca, Presidente da Junta Provisional do Supremo Governo em 1821

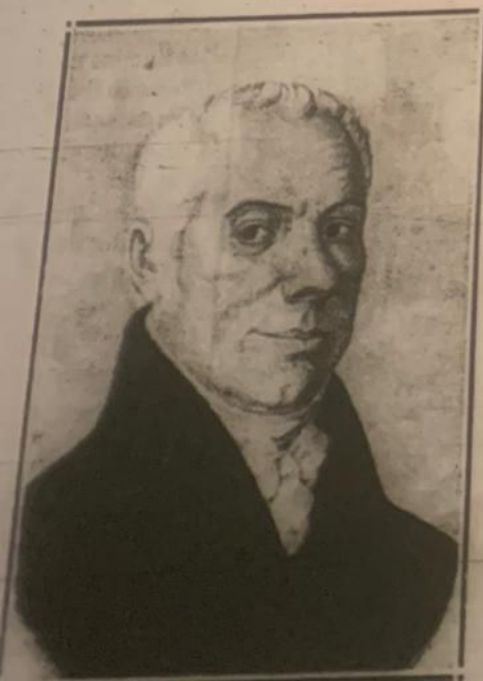
ordem para mandar prender "aquele chefe, mas foi ele quem se dirigiu ao magistrado.

Recebido na sala, espantado o corregedor ante aquela visita, ouviu Fernandes Tomás dizer-lhe, com uma admirável presença de espírito, que não merecia a pena prendê-lo nem dar qualquer passo porque a revolução reventaria infalivelmente.

Desistiu do acto o corregedor, cheio de susto, e... aderiu.

Veem de longe estas incondicionais adesões aos que vencem.

Não ficou por ali a audácia de Fernandes Tomás. De casa do corregedor dirigiu-se ao general Canavarro, que comandava as armas do Porto. Com



Francisco José de Barros Lima, membro pelo commercio, da Junta Provisional

agudos, geralmente, os que se comprometem, fogem às responsabilidades. Sucede isto agora como aconteceu quasi sempre e naquela epoca havia ainda a contar com a força se acaso fracassasse o movimento.

Fernandes Tomás foi às Caldas da Rainha tratar-se. Num intervalo entrou em Lisboa. Beresford partira para o Rio de Janeiro a pedir mais poderes ao rei e a explicar a condenação de Gomes Freire. No Porto criou-se animo. Era o instante sagrado. A insurreição avançava e Sepúlveda, Cabreira e António da Silveira — os militares aliciados — decidiram-se.

Soubera-se da vinda de Fernandes Tomás a Lisboa e logo a regencia mandou ordem para se prender o caudilho já instalado no Porto. O corregedor das justiças, Aires Pinto, teve



Francisco Gomes da Silva, membro da associação que iniciou o movimento do Porto



José Ferreira Borges, membro da sociedade que preparou a revolução de 1829 no Porto



Duarte Lessa, membro da associação que preparou a revolução de 1829

chegada de D. João VI e queriam também as cortes convocadas.

O presidente dessa Junta foi o general Silveira, o vice-presidente o general Cabreira. Fernandes Tomás era um simples vogal. De todo o país chegavam adesões. Ninguém se opunha aos designios dos vencedores. As forças, que se pretendia organizar contra eles, pactuavam. Os tribunos começavam as suas lições de eloquência. De Lisboa ameaçava-se ainda com a morte; os membros da regência julgavam-se fortes. Concediam tudo — asseveravam — mas que se desarmassem. Alguns dos revolucionários queriam ceder. Silva Carvalho protestou. Fernandes Tomás increpou-os e o general Sepúlveda teve apenas um gesto: apontar o caminho da capital.

A 15 de setembro a revolta do Porto tinha o seu eco em Lisboa. A 4 de outubro estabelecia-se o novo governo na corte, entre as festas, as apotheoses, as alegrias de um triunfo que o povo não podia compreender.

As almas dos mortos, dos suplicios do Campo de Santana, o espírito

Carlota Joaquina dizia-se liberal, pretendia desde logo conquistar as simpatias dos homens que governavam. Imaginava que o marido se recusaria a jurar a Constituição — e, como sempre, procedia ao contrário do que ele fazia. Conspunha-se a ser ela a rainha querida.

Com efeito era tremendo, lembrando-se da morte de Luís XVI, que o soberano encarava esses homens novos, pouco cortejados, que não estavam de pé diante dele, que não se descobriam no parlamento se ele não tirasse o seu chapéu. Tudo isto o aterrava, mas não fazia nada para lhes fugir; nem para lhes desagradar. Se apenas D. João VI decidisse a revolução de 1820 não teria acabado da forma como liquidou.

Naquele momento da chegada do rei tudo eram alegrias, tudo eram festas. Ia, porém, inaugurar-se uma era de luta diante dessa revolução triunfante que nascera no Porto, a patria gloriosa da liberdade e do trabalho.



Lazo azul e branco adoptado pela revolução de 1829

de Gomes Freire deviam estar satisfeitos.

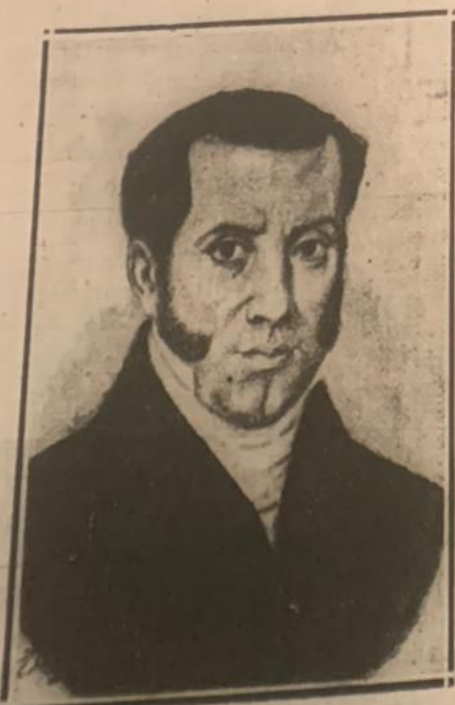
1820 inscrevia a primeira hora da liberdade na Historia de Portugal.

♦ ♦ ♦

Começavam a activar-se os trabalhos para que não fosse inane a revolução. Era necessario reunir as cortes, precisava fazer-se as eleições. Pela primeira vez se realizavam daquele modo numa consulta á nação. Instalava-se a assembleia nacional; recebia-se imenso dos reaccionarios. Palmela, que devia ser depois um caudilho — o maior caudilho talvez — do liberalismo foi tido como inimigo e impedido de desembarcar em Lisboa. Trataram-no como ao proprio Beresford.

No Rio de Janeiro, D. João VI imaginava que tudo quanto os revolucionarios tinham architectado fracassaria. Mas Palmela dizia-lhe como os Açores e a Madeira tinham, desde logo, entusiasticamente aceite a nova ordem de cousas.

Agora era o proprio Brasil que não só acolhia a revolução portuense mas tambem a queria imitar. Primeiro levanta-se o Pará; depois a Baía. No Rio de Janeiro havia uma grande efervescencia e, enquanto o rei tremia,



José Pereira de Menezes, membro da sociedade que preparou a revolução de 1829 no Porto



José Gonçalves dos Santos Silva, membro da sociedade que preparou a revolução de 1829 no Porto